



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

O CUIDADO EM WINNICOTT E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO NAS CRECHES

FELIPE DANIEL MAGALHÃES MOITINHO¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

CAROLINE VASCONCELOS RIBEIRO²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

Resumo

De acordo com a Referência Nacional Curricular para Educação Infantil (Volume I) o cuidado é uma tarefa complexa, mas essencial para o desenvolvimento integral dos bebês. Considerando a ideia de cuidado apontada na referência curricular, o presente trabalho tem como objetivo examinar como a Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott pode contribuir para pensar a realidade da creche. Ao refletir sobre o ambiente suficientemente bom, o psicanalista destaca que não basta apenas executar, mecanicamente, as tarefas de cuidado essenciais para a sobrevivência das crianças e bebês, mas indica que esta tarefa deve envolver empatia, previsibilidade e confiabilidade. Contudo, segundo Winnicott (1994), para que possa fornecer provisão ambiental e se dedicar às tarefas da maternagem, a cuidadora ou cuidador também deve receber sustentação. Nos perguntaremos em que medida essas ideias podem lançar luz ao ambiente da creche e suas rotinas. Nosso objetivo, com essa comunicação, implica em examinar como Winnicott pode contribuir para refletirmos sobre a ideia de cuidado descrita na referência curricular. Para tanto, visamos apresentar uma articulação entre a psicanálise e a educação. Esse trabalho ancora-se na metodologia bibliográfica e é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica cujo fomento é do CNPq.

Palavras-chave: Creche. Cuidado. Winnicott

Introdução

Em 1998 foi elaborada a *Referência Curricular Nacional para Educação Infantil* em seu volume I pelo Ministério de Educação e do Desporto e pela Secretaria de Educação Fundamental. O documento se propõe a apresentar metas de qualidade que promovam – para bebês e crianças – um desenvolvimento integral de suas identidades, possibilitando as mesmas crescerem como cidadãos, tendo seus direitos à infância reconhecidos (BRASIL, 1998). Neste documento é possível encontrar algumas orientações referentes aos cuidados que se deve ter neste campo. O texto indica que:

¹ Discente de Psicologia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq)

² Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS).



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados (BRASIL, 1998, p. 24).

Cuidar é uma tarefa complexa que envolve as dimensões afetiva e fisiológicas, sendo tarefa essencial para o desenvolvimento integral dos bebês. Não se trata apenas de ofertar o cuidado de uma alimentação adequada e o cuidado com o corpo, como a higiene oral, o banho ou o uso do sanitário, mas de fazer isso da maneira adequada. O referido documento aponta ainda que, além das necessidades básicas para proteção da vida humana – como alimentação e higiene –, as necessidades afetivas são essenciais para o desenvolvimento infantil. Necessidades essas que precisam da sensibilidade do adulto para serem percebidas e manejadas. Deste modo, “(...) cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades” (BRASIL, 1998, p. 25). Diante do exposto, podemos depreender, por exemplo, que cuidar não é simplesmente atender ao choro de um bebê tentando fazer ele parar, mas sim compreender a singularidade daquele choro e o que o bebê está pedindo ou comunicando. É deste modo que se pode compreender e acolher o fenômeno corretamente.

D. W. Winnicott nos apresenta sua Teoria do Amadurecimento Emocional com base na concepção de que todos os indivíduos possuem uma tendência inata ao amadurecimento, destacando que isso só ocorre mediante cuidados ambientais (Dias, 2017). Conforme Dias (2017), as bases da personalidade e da saúde psíquica se dão nos estágios iniciais da vida humana. Para tanto, são necessárias condições ambientais favoráveis, com previsibilidade, rotina e empatia (Winnicott, 1994). Para que o bebê avance em seu processo de amadurecimento e construa sua identidade e a capacidade de se relacionar com outras pessoas e com os objetos externos é necessário que haja o que Winnicott chama de provisão ambiental. Este termo é utilizado para indicar os cuidados que possibilitam não apenas o desenvolvimento fisiológico, mas, sobretudo, o emocional (Winnicott, 1983). Por isso, ao invés de pensar freudianamente em fases do desenvolvimento psicosssexual – oral, anal, fálica, latência e genital – Winnicott pensa em fases relacionadas ao grau de dependência dos cuidados ambientais (Abram, 2020; Dias,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

2017). As fases do amadurecimento emocional são: dependência absoluta, aproximadamente até os seis meses, dependência relativa, dos seis meses até o começo da infância, e rumo a independência, já da infância até a vida adulta (Winnicott, 1983).

Uma vez que a ênfase deste psicanalista é sobre os graus de dependência da provisão ambiental, o presente trabalho tem como objetivo refletir em que medida o cuidado descrito na *Referência Nacional Curricular para Educação Infantil* pode ser iluminado pela maneira como Winnicott aborda o tema. Este psicanalista e pediatra atendeu bebês por 40 anos em ambulatório de pediatria, portanto, o seu olhar se dirigiu fortemente para os primeiros anos de vida. A referência curricular, por sua vez, tem como enfoque as fases que vão de 0 a 6 meses e dos 6 meses até o começo da infância, período em que a criança vivencia o ambiente das creches. Esse ambiente não é obrigatório nessa faixa etária, mas, de acordo a Lei nº 9.394/1996 - Artigo 30, os bebês e crianças têm o direito de frequentar de 0 até os 3 anos de idade, podendo variar um pouco a idade de ingresso a depender do estado ou município (BRASIL,1996). A faixa etária compreende bem as fases denominadas de “dependência absoluta” e “dependência relativa” por Winnicott. Em função do exposto, pretendemos entrelaçar a psicanálise winnicottiana com o campo da educação e refletir sobre a natureza do cuidado a ser destinado a bebês e crianças nas creches, bem como o suporte ambiental que estas instituições devem fornecer aos profissionais que ali atuam

O cuidado em Winnicott e suas contribuições para a educação infantil

Ao refletir acerca das contribuições de Winnicott para a ideia de cuidado na educação infantil, dois conceitos se mostram fundamentais, sendo eles: *Holding* (segurar, sustentar) e *Handling* (manejar). Sobre o primeiro Winnicott comenta:

Consideremos dois bebês: um a quem se segurou muito bem (no sentido amplo que dou ao termo “segurar”), não havendo nada que impeça um rápido desenvolvimento emocional, de acordo com as tendências inatas. O outro não passou pela mesma experiência, isto é, não o seguraram suficientemente bem, e o resultado é que o seu desenvolvimento teve de ser deturpado e protelado, e algum grau da primitiva agonia estará sempre presente ao longo de sua vida (Winnicott, 1994, p. 31).

E esse *segurar* que Winnicott denomina *Holding*, não implica apenas uma ideia de sustentação literal, relacionando-se muito mais a uma provisão ambiental com rotina,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

constância e cuidado. Dias (2023), vai apontar que só através da experiência repetida de confiar no ambiente é que as bases do ser podem ser constituídas e temos condições de habitar e usufruir do mundo compartilhado mediante uma integração pessoal. Acerca do conceito de *Handling*, Abram (2020) aponta que está relacionado a maneira como a mãe – e no caso das creches, as cuidadoras – manejam e tocam empaticamente o bebê. Segundo Winnicott (1983), esse toque responsivo e cheio de cuidado favorece o processo de habitação na soma e a sensação de pertencimento do bebê a seu próprio corpo. O autor acrescenta que um bebê que alguém o “segurou” muito bem é muito diferente de um bebê que viveu a experiência de não ser “segurado” tão bem. Entendendo o segurar, nestes casos, como algo mais complexo do que um sustentar fisicamente, mas como uma responsividade e uma comunicabilidade cheias de cuidado (Winnicott, 1994). Para Winnicott (1983), o tema do desenvolvimento emocional primitivo abrange três principais conquistas: a integração, a habitação da psique no corpo e a relação objetal. Estas três conquistas implicam em três tarefas respectivas da mãe ou quem cuida do bebê, quais sejam, segurar (*Holding*), manipular (*Handling*) e apresentar o objetivo.

Pensando na relação entre os conceitos destacados e os cuidados dedicados aos bebês na creche, Moraes (2017) comenta que, no Brasil, a partir das referências curriculares nacionais, a educação infantil (creche e pré-escola), foi aos poucos passando ter um sentido maior de políticas públicas de direitos e vencendo o estigma de vinculação a assistência social. Assim, a separação entre educar e cuidar foram revisitadas e definidas como ações indissociáveis. Mas, a autora ressalta que, apesar das relações de cuidado nestes espaços se aproximarem dos conceitos winnicottianos de *Holding* e *Handling*, os profissionais não devem agir como substitutos da interação entre criança e família. A autora acrescenta, ainda, que assim como a criança transita entre a dependência absoluta e relativa junto a seus responsáveis, é possível que também teste o ambiente escolar para sentir qual segurança aquele ambiente lhe oferece durante esse período de ingresso naquele espaço.

Moraes aponta que “a hora da alimentação, do banho, do sono e do brincar devem ser feitos respeitando as singularidades de cada um e não como ações padronizadas” (Moraes, 2017, p. 105). Isso porque cada criança tem necessidades específicas e só um manejo atento e sensível a essas necessidades pode garantir a sensação de segurança. Além disso,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

destaca que “o respeito às individualidades e sua adaptação completa na rotina garante a formação de um self seguro” (Moraes, 2017, p. 105).

Primeiro é preciso que o ambiente se adapte às necessidades daquele bebê para que, no futuro, esse ambiente possa oferecer segurança o suficiente para que o processo se inverta e aquele indivíduo se adapte à rotina. À luz de Moraes (2017) e de Bernardino e Kamers (2003) podemos entender que a rotina que o ambiente da creche requisita implica cuidados espontâneos, responsividade e flexibilidade em relação às regras institucionais. O atendimento aos ritmos e necessidades infantis faz com que o bebê ou a criança possa sentir que no ambiente há uma fonte de cuidado que promove tranquilidade e segurança. Conforme Bernardino e Kamers (2003), com Winnicott aprendemos que os que cuidam dos pequenos devem desenvolver uma capacidade de identificação com o bebê, reconhecer que suas necessidades básicas são fisiológicas e emocionais. E isso não é algo maquínico e apenas ritualístico, mas humano e empático. Se o ambiente proporciona cuidados que não são mecânicos, mas suficientemente bons e humanizados, as condições para o amadurecimento estão dadas. Aí o bebê torna-se uma criança que, apesar de ter que lidar com as dificuldades da vida, possui confiança e segurança para seguir rumo à autonomia.

Como destaca Moraes (2017), é preciso mediar a transição entre o lar e a instituição educacional trazendo alguma tranquilidade diante da angústia da separação, o que pode ser feito ao se permitir que chupetas, bichinhos de pelúcia e algum pano possam ser levados para creche pelos pequenos. Trata-se de objetos que Winnicott nomeou de transicionais e que podem oferecer sensação de segurança e familiaridade (Winnicott, 1983). É preciso sensibilidade do cuidador para perceber a importância destes objetos para criança, não os tomando abruptamente e tendo paciência até que as crianças e bebês não precisem, por conta própria, deste recurso. Os pais também ficam ansiosos com a separação. No começo é difícil para todo mundo. Neste sentido, “(...) é de fundamental importância que a creche realize um trabalho junto aos pais, no sentido de diminuir a ansiedade destes em deixar o bebê na creche. Pois, além dos efeitos provocados no bebê – sintomas como não comer, choro intenso, apatia etc. –, podem-se ainda intensificar as rivalidades entre pais e educadora” (Bernardino e Kamers, 2003, p.55).

O cuidado que respeita o ritmo do bebê e do infante é enfatizado por Winnicott em



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

sua definição de provisão ambiental. Mas o autor destaca que, para que uma mãe ofereça um *Holding* suficientemente bom ao seu bebê é preciso que ela receba suporte ambiental (Winnicott, 1994). A *Referência Nacional Curricular para Educação Infantil*, ao se referir aos bebês e crianças pequenas nos fala da importância do “atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade” (BRASIL, 1988, p.13). Ao mesmo tempo, destaca que “contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica” (BRASIL, 1988, p.24). Considerando essas ponderações, é importante pensar que os profissionais que atuam em ambientes de creche e pré-escola precisam de formação e de sustentação ambiental para que possam não ser mecânicos, para que possam atingir o profundo sentido do ato de cuidar. Bernardino e Kamers (2003, p.45) fazem o seguinte questionamento:

Assim, o Ministério da Educação e do Desporto, por intermédio da Secretaria de Educação Fundamental, ressalta que o desenvolvimento integral da criança pequena depende tanto da dimensão afetiva proporcionada à criança, quanto da qualidade dos cuidados básicos oferecidos a ela, em outras palavras, pela qualidade da educação oferecida nos berçários (BRASIL, 1998), e, sendo esta a proposta do Estado para a educação infantil, nos perguntamos: como uma educadora de berçário poderia oferecer estes cuidados singularizados, uma educação com qualidade, se tem que cuidar e investir num grupo de em média oito bebês sozinha?

Para cuidar, nos ensinou Winnicott, precisamos ser cuidadosos, ter suporte. Por isso, as autoras indicam que é preciso ter, ao menos, dois profissionais por sala de berçário. Assim, ninguém se sobrecarrega e os cuidados empáticos de molde winnicottianos podem ser uma realidade institucional.

Considerações finais

Concluimos entendendo que Winnicott pode trazer grandes contribuições para as práticas de cuidado previstas na *Referência Nacional Curricular para Educação Infantil*, sobretudo com seus conceitos de “segurar/sustentar” (*Holding*) e “manejar” (*Handling*). A importância da previsibilidade, rotina e familiaridade no cuidado de bebês é uma contribuição deste psicanalista que pode ser transposta para o ambiente da creche.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Destacamos, ainda, a ideia winnicottiana de que, para cuidar com empatia e sensibilidade, é preciso ter suporte ambiental, também é de grande valia para pensar o campo da educação infantil. Neste diálogo com a Educação, concluímos que o papel da psicanálise de Winnicott não deve ser o de uma culpabilização do educador, ao contrário, por reconhecer o excesso de demandas envolvidas no cuidado suficientemente bom a ser destinado aos bebês, essa psicanálise deve ser usada para fazer coro à solicitação de políticas públicas que promovam condições objetivas para possibilidade de uma atenção de qualidade às crianças.

Referências

ABRAM, J. **A Linguagem de Winnicott**. tradução de Marcelo Del Grande da Silva. São Paulo: Thieme Revinter, 2020.

BERNARDINO, Leda Fischer; KAMERS, Michele. A creche e o brincar: Alternativas para a educação no primeiro ano de vida. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 48-57, jun. 2003.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 2783, 20 Dez. de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Introdução. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DE OLIVEIRA GONÇALVES, Danielle Menezes; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; DE ANDRADE, Fernando César Bezerra. No princípio é o ludens: integração do self do bebê através do brincar em creche. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 617-362, 2017.

DIAS, E. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. 4 ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.

DIAS, E. **Sobre a confiabilidade e outros estudos**. 2 ed. São Paulo: DWW Editorial, 2023.

MORAES, S. P. de. Por mais Winnicott na pedagogia! **Revista Educação - UNG-Ser**, v. 12, n. 1 ESP, p. 102-114, 2017.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.